

DN 17-2-49
BARRA DO RIO DOCE

1202
RUBEM BRAGA

O homem de binoculo focalizava a bandeirinha que se agitava lá em terra, no pontal Sul, perto do farol. O proprio comandante estava na roda do leme; e o chefe de maquinas, official da Marinha de Guerra aposentado depois de fazer duas guerras, estava no telegrafo das maquinas.

— Que é que a bandeirinha diz?

— Bombordo! Toda a bombordo!

O timoneiro obedece — e olhamos em silencio para a proa. A corrente está fortissima, e a maré inda está baixa. Em nossa frente o rio Doce despeja toda sua massa de agua cor de lama, de um quilometro de largura, em um estreito canal. Temos de passá-lo.

— Bombordo!

A proa hesita um instante — e depois, lenta, implacavelmente, vai-se voltando para boreste. Os mil cavalos de nossos dois motores se esbofam à toa.

— Para trás!

— ...

— Marca assim!

Avançamos outra vez, penosamente. “A proa é esta!” Pode ser para algum espadarte que deseje ir desovar na lagoa de Juparaná; quanto a nós vamos em cima de um banco de areia. Bonito. Ouvimos aquele ruído triste do casco na areia. As ondas assanhadas pelo Nordeste ensaiam uma linda abordagem perto da proa. O chefe das maquinas está em silencio mascarando seu toco de charuto. O caboclo que é considerado pratico na barra adota esta atitude não muito eficiente, mas em todo caso justificavel no momento: coça a cabeça. A bandeirinha, lá longe, manda recados muito salutaes, mas inocuos, como um sargento que berrasse ordens para um recruta paralítico.

Leio trechos seletos de illustres e antigos viajantes. O senhor principe de Wied Neuwied, em 1815: “A foz... nunca é navegavel; as grandes embarcações não podem entrar por causa dos baixios e dos bancos de areia...” Saint Hilaire, em 1818: “O canal muda muitas vezes de lugar.” Charles Frederick Hart, em 1866: “A barra... é tão má que chega praticamente a impedir a entrada de navios... as ondas se quebram furiosamente... E' sempre difficil e algumas vezes durante semanas consecutivas é impossivel entrar no Rio Doce... e muitos navios se têm perdido ao tentarem-no”. Cesar Augustó Marques, em 1878: “A sua embocadura... é perigosa.”

Tudo isso está num livro em que o sr. Norbertino Bahiense nos conta o naufragio do cruzador Imperial Marinheiro por aqui, em 1887. Um livro muito bem documentado, de que falarei outro dia; mas no momento ficamos sabendo que... “entre os destroços do naufragio, onde as vitimas ainda se apegavam, e a terra defronte, estavam as ondas cada vez mais encapeladas, e sobre o dorso das quais, de quando em vez apontavam as antenas periscopicas e ameaçadoras dos tubarões.

“Não me agrada muito essa imagem de “antenas periscopicas”, pois na epoca ainda não havia submarinos, que de resto não possuem antenas periscopicas, e os tubarões tambem não deviam ser tão aperfeçoados em 1887. Mas me agrada muito menos o quadro em si.

Uma das maquinas a toda força para a frente; outra a toda força para trás. O L. C. T. adaptado consegue afinal safar-se. Mas depois de três tentativas resolve fundear atrás do pontal — e só no dia seguinte conseguirá entrar na barra, mas não avançará pelo rio mais de trezentos metros. Vamos, um grupo, na baleeira, para terra. E' a antiga barra do Rio Doce, depois Regencia Augusta, em homenagem à Princesa Isabel; hoje apenas Regencia, sem o adjetivo, que a Republica tirou. Tudo isso quer dizer umas quarenta casas e um rio que ameaça comê-las — mas é assunto para outra cronica, naturalmente.

17.2.49

62